



Gabriel Pessin Rosa

**Machismo e famílias contemporâneas brasileiras:
uma perspectiva psicanalítica**

Monografia de fim de curso de Especialização

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Terapia de casal e família.

Orientadora: Célia Regina Henriques

Rio de Janeiro

Dezembro de 2024



Gabriel Pessin Rosa

**Machismo e famílias contemporâneas brasileiras:
uma perspectiva psicanalítica**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Terapia de casal e família. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a Célia Regina Henriques
Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a Mariana Gouvêa de Matos
CCE – PUC-Rio

Rio de Janeiro, ____/____/2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Gabriel Pessin Rosa

Graduado em Psicologia pela Faculdades Integradas Maria Thereza (FAMATH), em 2022. Especialista em Gestalt Terapia pelo Instituto Ciclos, em 2024. Trabalha como psicólogo clínico, educacional e atua como psicólogo da comissão da mulher da ordem dos advogados do Brasil (OAB) Niterói.

Ficha Catalográfica

Rosa, Gabriel Pessin

Machismo em famílias contemporâneas brasileiras: uma perspectiva psicanalítica / Gabriel Pessin Rosa; orientadora Célia Regina Henriques – 2024.

37 f

Monografia (Especialização em Terapia de casal e família – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Inclui Bibliografia

1. Psicologia. 2. Machismo. 3. Família. 4. Psicanálise. I. Henriques, Célia Regina. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. III. Título.

Quando comecei a estudar as questões de gênero, eu acreditava que a violência era o resultado da socialização dos meninos. Mas depois de ouvir de perto os homens e suas famílias, entendi que a violência é a socialização de meninos.

TERRENCE REAL

Dedico este trabalho a todas as masculinidades vítimas dos efeitos das raízes patriarcais e machistas e que manifestam o seu desejo de ser e estar no mundo.

Resumo

Rosa, Gabriel Pessin; Henriques, Célia Regina (orientadora). **Machismo e famílias contemporâneas brasileiras: uma perspectiva psicanalítica.** Rio de Janeiro, 2024, 37p. Monografia de fim de curso – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho se inscreve na teoria psicanalítica e visa uma revisão bibliográfica sobre a conflituosa relação do masculino com a sociedade e a família. Procuramos dar ênfase na castração dos homens desde a primeira infância e seus impactos negativos tanto para si mesmo quanto para a estrutura social, com a persistência do machismo e do patriarcado na sociedade e no ambiente familiar. Ainda buscamos passar por questões relativas às expectativas da família e da sociedade sobre “o que é ser homem”, entendendo que a ideia de “homem” envolve uma série de normas e regras de conduta e ação, que os privam de acessar as suas individualidades e desejos, perpetuando a prática do machismo e do patriarcalismo na sociedade. Por fim, esta pesquisa defende que, no âmbito familiar, a passagem geracional do machismo deve ser interrompida para que haja uma abertura a novas visões de masculinidades e não limite ao homem às convenções estereotipadas e normativas que historicamente e atualmente carregam consigo.

Palavras-chave

Machismo; adoecimento psíquico; família; sociedade

Abstract

Rosa, Gabriel Pessin; Henriques, Célia Regina (academic advisor). **Male chauvinism and contemporary Brazilian families: a psychoanalytical perspective.** Rio de Janeiro, 2024, 37 pages. End of course Undergraduate thesis – Department of Psychology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

This piece is inserted in the psychoanalytical theory and aims to conduct a bibliographic review on the conflicted relationship regarding masculinity, society and family. Emphasis is placed on the symbolic castration of men since early childhood and its negative impacts as much on themselves as on social structure, particularly through the persistence of male chauvinism and patriarchy within society and on the family environment. This study also explores topics related to family and societal expectations about “what it means to be a man”, recognizing that the concept of “manhood” entails a set of norms and rules of behavior and action that deprive men from accessing their individuality and desires, thereby perpetuating male chauvinistic and patriarchal practices. Finally, this research argues that within the family context, the generational transmission of sexism must be interrupted to promote openness to new points of view on masculinity that do not restrict men to historically and normative stereotypical conventions.

Keywords

Male chauvinism; psychic sickness; family; society.

Sumário

1. Introdução	8
2. Gênero e castração das masculinidades como efeitos do patriarcado	11
2.1 Camisas de força em corpos dançantes: desdobramentos do gênero e as performances das masculinidades	12
2.2. A castração: do menino ao homem ferido.....	18
3. Você é um homem ou é um rato?: o machismo como uma herança patriarcal e a família contemporânea brasileira.	24
3.1. Transmissão psíquica: historicidade e conceitos.....	26
3.2. O machismo como herança cruel aos familiares.....	29
Considerações finais.....	32
Referências bibliográficas.....	35

1

Introdução

Quando eu estava prá nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai meu Deus como eu queria
Que essa cabra fosse home'
Cabra macho prá danar
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou

Antônio Barros (1974)

O que é um homem? A simples pergunta desponta diversas respostas de acordo com o *corpus* de análise escolhido. Por exemplo, para uma aula de biologia, homem seria aquele cuja composição de cromossomos é XY, o que atribui ao feto o sexto masculino, portanto, possuindo um pênis. A pergunta se torna complexa e problemática ao ser analisada sob uma perspectiva dos gêneros e suas respectivas questões, principalmente quando essa análise envolve uma contextualização com a sociedade, a família, o tempo e o espaço em que vivemos.

Este trabalho parte dessa pergunta e busca trabalhar uma revisão bibliográfica sobre o que é ser homem numa perspectiva psicanalítica, trabalhando a questão duma forma contextualizada, isto é, propomos encontrar uma resposta com base na complexa relação entre o homem e a sociedade. Além disso, também iremos destacar o papel das famílias nessa construção do “ser homem” para a sociedade, sobretudo, como a educação machista, passada de geração a geração, pode ser maléfica ao sujeito do sexo masculino.

Uma das questões levantadas ao longo desta monografia é que a sociedade patriarcal e a educação de cunho conservador das famílias promovem uma castração do indivíduo masculino, que, desde a primeira infância, é orientado a seguir padrões de masculinidade, afastando-o da sua própria individualidade e da capacidade de autoconhecimento.

Para tal, a pesquisadora Judith Butler é uma teórica importante a este trabalho, porque, quando se refere a criação do gênero, em seu livro *Quem tem medo do gênero?* (2024), ela nos diz que o gênero está relacionado a uma ideia de “tornar-se”, ou seja, uma espécie de transformação ou mudança de algum estado. De uma forma mais clara, uma transição entre a individualidade aos padrões socialmente aceitos do que seria homem e mulher.

Neste trabalho daremos ênfase ao homem, ou os fatores que influenciam na sua “transformação” no homem normativo. O psicanalista Pedro Ambra, em *Cartografias das masculinidades* (2021), resgata a clássica frase “homem é tudo igual” (cf. Ambra, 2021, p. 17) com uma certa razão. Homens são todos iguais, em sua maioria. O que está em cena é justamente a performance do que é ser homem na sociedade. As características que compõe um homem socialmente e familiarmente aceitos são extensas e problemáticas, contudo, é importante destacar que há um revestimento histórico por trás do comportamento masculino, que se caracteriza principalmente pelo afastamento dos seus desejos e vontades. Desta forma, a castração do masculino que iremos abordar toca justamente o lado simbólico daquilo que “é ser um homem”, impondo assim “leis” ou normais de como seguir e do que fazer.

Por exemplo, quando a mãe descobre a gestação e sabe que espera um menino, existe uma orientação de que o futuro filho irá ter muitas namoradas, irá defender a mãe e irá amar futebol, desde o berço tendo um time para qual torcer. Espera-se que o filho, antes do nascimento, cumpra uma série de estereótipos que fará dele um homem digno de orgulho para ele e para os pais.

E aqueles que não seguem esse conjunto de normas e expectativas? Esta monografia também levanta essa questão ao dizer que toda essa conjectura promove a exclusão de outros meninos, provocando sérios problemas psíquicos e de saúde mental, além de contribuir com a persistência do machismo e do patriarcalismo nas relações sociais.

Nesse sentido, podemos reconhecer desde já que a concepção do “homem macho” vai penetrando o ser desde bem jovem, e isso se dá por conta das raízes patriarcais da nossa sociedade. Com isso, o homem passa a ser resumido como uma

ideologia, ou seja, como é ou não é ser homem, sem intermédio ou espaço para particularidades. E isso está nas famílias.

Atuaremos então em questões relativas ao homem nos meios sociais e familiares, de modo que fique clara a evidente relação entre esses três elementos. Metodologicamente, passaremos por importantes teóricos ligados à psicanálise como Freud, Lacan, Pedro Ambra, Judith Butler, Nana Queiroz e Gerda Lener, além de outros teóricos. Isso permitirá uma ampla revisão bibliográfica nesta monografia e nos auxiliará aos objetivos específicos como perpassar pelas relações entre o machismo e o adoecimento psíquico do sujeito, compreender o machismo como uma prática que afeta negativamente as relações familiares e, por fim, promover uma discussão sobre os impactos do gênero naquilo que entendemos como masculino.

Com efeito, buscamos, resumidamente, aproximar-se da abordagem psicanalítica debruçando-se em questões relativas às masculinidades e o impacto do machismo dentro das famílias brasileiras. Defendemos também a importância de interromper a hereditariedade dos valores patriarcais nas famílias, pois assim é possível se construir um caminho de valorização das masculinidades e de autoconhecimento aos homens, para que não permaneçam se limitando aos valores normativos, que, em muitos casos, não condizem com quem realmente são.

2

Gênero e castração das masculinidades como efeitos do patriarcado

Esses olhares me consomem
 Não me veem como homem
 Onde será que o nosso mundo se
 perdeu?
 Almas que mentem e se escondem
 Atrás de um codinome
 Eles querendo consumir meu corpo
 enquanto eu
 Só quero mudar de nome
 Só quero paz e respeito
 Só quero viver na sombra depois de
 tomar sol no peito
 Que minha mãe não me ligue,
 Preocupada com a minha vida
 "Oi filho, você tá vivo? Me conta
 como foi seu dia"

Nick Cruz (2021)

Uma das bases da teoria psicanalítica é a ampliação do conceito de sexualidade como tendência psicológica capaz de transcender fundamentos anatômicos e biológicos, podendo ser considerado a primeira base da atividade humana. Além disso, torna-se, além dos instintos animais, nossa referência enquanto seres dotados de pulsão e desejo, em outras palavras, de impulsos e vontades sexuais.

De acordo com o trabalho do psicanalista Pedro Ambra (2021), desde a segunda metade do século XX já começa a se manifestar interesses nos estudos envolvendo a temática da masculinidade, partindo de duas concepções: a primeira à luz das pesquisas de cunho feminista cuja reflexões tocam na ideia de patriarcado e, por sua vez, a segunda traz investigações sobre “o que é um homem”, procurando ver questões relativas à norma e à identidade em função de fatores históricos e, inclusive, linguísticos. Este capítulo visa perpassar por essas noções, claramente interligadas aos fatores sociais, que desencadeiam uma série de críticas aos padrões e às convenções sociais daquilo que se entende como masculino e sua respectiva performance de gênero.

Temos de evocar Freud e sua teoria sobre o complexo de castração, capaz de transformar um indivíduo em um sujeito desejante, inserindo-o assim na cultura. O complexo de castração é importante para termos a noção de que o homem já se torna castrado desde a primeira infância (cf. Marcos & Sales, 2017, p. 583).

Outro conceito-chave deste capítulo está no trabalho de Patrícia Hill Collins e Serma Bilge (2020): o conceito de interseccionalidade. Já há trabalhos sobre esse termo nas ciências sociais; de maneira sintética, a interseccionalidade busca refletir sobre a identidade dum indivíduo condicionada a diversos fatores, por exemplo, gênero, raça, etnia, classe social e territorialidade, que interferem de forma positiva ou negativa nas relações humanas.

Nesse sentido, para compreendermos de maneira precisa a performance da masculinidade do homem, é necessária a compreensão da ideia de patriarcado. O trabalho de J.J Bola, *Seja homem: a masculinidade desmascarada*, dá-nos o caminho para a compreensão de que o patriarcalismo, ou a herança patriarcal, resulta dum conjunto de privilégios ao homem em diferentes situações e em diferentes locais, seja no ambiente familiar, seja no mercado de trabalho. O notório privilégio dado ao homem acentua consideravelmente a desigualdade entre homens e mulheres em diversas situações sociais, econômicas e política. Além de prejudicar o feminino, a raiz patriarcal traz grandes malefícios a homens que não seguem as normas ou o padrão do que é “ser homem”.

O capítulo também se sustenta com a teoria da transgeracionalidade de Bowen (1978), na qual destacamos a repetição dos padrões familiares e a institucionalização do gênero como formas de reproduzir nos indivíduos a lógica patriarcal, especialmente dentro do âmbito familiar. A transgeracionalidade nasce da teoria psicanalítica estudada por intelectuais franceses, como René Kaes e Jacques Lacan. Abordava-se questões de transmissão psíquica, de forma geral, processos psicológicos (forças psíquicas) inconscientes transmitidos de geração a geração. Em seus estudos, René Kaes, debruçando-se justamente no processo de transmissão, concluiu que nem sempre essas forças psíquicas hereditárias traziam manifestações positivas. Diante disso, os possíveis conflitos podem ser considerados, nesta perspectiva, questões transgeracionais; entre eles, está o machismo – um exemplo de conflito geracional.

2.1

Camisas de força em corpos dançantes: desdobramentos do gênero e as performances das masculinidades

O termo “gênero” tem uma definição, por vezes, complicada e variável de acordo com a área de estudo. Para este trabalho, procuramos entender gênero como um termo associado às construções sociais e às imposições de papéis sociais ao sexo, tanto masculino quanto feminino.

Essa projeção de gênero como um determinante para a “distribuição” de funções “de homem” e “de mulher” na sociedade, atualmente, tem sido alvo de estudos, de reflexões e de críticas em todo mundo, especialmente com o avanço de pautas sociais com alta visibilidade na mídia e nos meios de comunicação.

Fato é que o gênero, quando visto numa perspectiva social, remete também a uma estrutura de poder e de dominação, principalmente nos privilégios dados ao homem. A gradativa consolidação do movimento feminista propõe, dentre suas pautas, uma profunda crítica à organização machista e sexista da sociedade, além de pôr em discussão temas relacionados ao patriarcalismo e à heteronormatividade.

O indivíduo é considerado um ser biopsicossocial. Isso significa que os seres humanos obviamente são biológicos, portanto, possuindo uma composição orgânica. Mas não somos apenas um conjunto de células, pois deve-se considerar a interação do homem com a natureza a sua volta. Nesse sentido, somos uma composição mútua, então psicologicamente e socialmente o indivíduo se torna um ser dependente de um conjunto de fatores para transitar e conviver em sociedade. Há papéis a desempenhar, que são permeados pela cultura, etnia, raça, sexo e o próprio gênero (Soares & Czeresnia, 2011, p. 57).

A análise sobre gênero aponta para uma série de significações distintas e variantes, de acordo com os diversos pontos de análise daqueles que se debruçam sobre o tema. Contudo, convenhamos que, numa leitura social de gênero, sua relevância e designação não está num fator biológico, e sim nas convenções morais da sociedade. Em outras palavras, a pluralidade de gênero e sua imprecisão de concepção frente ao ideal moral e até mesmo conservador da sociedade.

Erving Goffman (2002), ao publicar o livro *A representação do eu na vida cotidiana*, proporciona uma leitura reflexiva sobre os papéis sociais que todos os indivíduos devem realizar. Para o pesquisador, os papéis são importantes para que os indivíduos sejam inseridos na sociedade, afinal, é a partir deles que os sujeitos agirão de acordo com determinadas ações que lhes proporcionará direitos e deveres.

A ideia da construção do indivíduo parte de uma lógica ritualizada, até reducionista, em que o sujeito será categorizado por “isso ou aquilo”. Para Goffman, os rituais ocorrem de maneira minuciosa, a partir das entrelinhas da sociedade. Dessa maneira cria-se uma teoria na qual beneficia alguns e proporciona para outros uma lógica excludente.

Esse autor pesquisa a condição humana dentro da lógica social, e para o cerne das suas pesquisas, o que condiciona a binariedade do gênero é um conjunto de reprodução de atitudes. Meninas acessam as suas feminilidades e meninos a sua masculinidade para que seja possível pertencer a algum grupo.

Seguindo os estudos para uma perspectiva mais contemporânea, Butler (2024, p. 195) afirma que o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza. Isto é, a autora vê a relevância de observar uma construção apurada entre o social e o biológico quando se trata do sexo. O gênero, nesta linha, ganha uma outra interpretação: conjunto de significados performáticos. O sexo, por sua vez, acompanha suas possibilidades de performance. Ao se tratar de algumas culturas de origens africanas, por exemplo, pessoas com genitália feminina são interpretadas como maridos. Sendo assim, é importante uma perspectiva a partir de uma amplitude social, marcada pela diversidade racial, etnicista e colonial

O gênero, então, dimensiona uma sequência de ações em que os indivíduos se submetem a fim de pertencer a uma sociedade regida por pensamentos patriarcais. Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949), reflete que o gênero não é construído por um “eu ou nós”, mas sim por uma série de ações teatrais, consequentemente, levando o indivíduo a se afirmar mediante aos seus gestos, ações e falas, tendo por efeito, o desejo e a sexualidade.

Evidentemente, existe uma trajetória histórica por trás desse “corpo performativo”. Isso também nos diz que o gênero acompanha a temporalidade do

indivíduo, em outras palavras, não se trata de uma categoria estática, ao contrário, está sempre em transformação. O indivíduo nasce biologicamente com o seu sexo, mas o que definirá se ele terá o papel de homem ou mulher é a sociedade, com suas normas e padrões historicamente definidos.

Cabe ressaltar que ver gênero sob uma óptica binária resulta em conclusões rasas e de procedência excludente. Vejamos o exemplo do primeiro caso de homofobia que se tem conhecimento nas terras tupiniquins. No século XVII, após a invasão dos Europeus em terras maranhenses, os colonizadores se depararam com a tribo indígena Tibira do Maranhão, tupinambás, que definiam “gênero” de acordo com a distribuição de tarefas da tribo. A visão eurocêntrica dos colonizadores entrou em conflito com a cultura local, porque a organização dos indígenas não condizia com as respectivas genitálias, ou com os papéis sociais que a sociedade europeia atribuía ao homem e à mulher. Tibira, biologicamente, era do sexo masculino, pois tinha um pênis, porém a forma dele de agir era condizente com o feminino. Após o estranhamento dos europeus, o indígena foi amarrado em praça pública, como uma espécie de aviso, para que não houvesse mais desonras e para que os demais tupinambás parassem de agir como Tibira. A partir daquele momento, homens que exerciam funções femininas seriam castrados, perseguidos e até condenados a morte.

Então, pode-se considerar que o gênero está para além da linguagem, natureza ou biologia humana. Trata-se, neste trabalho, muito mais de um conjunto de ações que resultam na identificação subjetiva do indivíduo, do que uma característica biologicamente imposta e “socialmente adequada”.

Gerda Lerner, nesse sentido, na sua recente publicação *A criação do patriarcado: história e opressão das mulheres pelos homens* (2019), é mais assertiva ao dizer que gênero não somente é um efeito produzido pelo indivíduo, mas sim um efeito da estrutura patriarcal dominante nas diversas sociedades.

As raízes do patriarcalismo remontam séculos na História. Em pesquisas contemporâneas, o termo patriarcado, de forma mais genérica, refere-se ao direito grego e romano da dominância econômica do homem sobre a sua família e seus respectivos bens, como as próprias mulheres, afinal eram dependentes dessa figura do “chefe da família”. A lógica patriarcal significa, portanto, a institucionalização

das ações masculinas sobre a sua família, que se faz reprodutora de um esquema de prestígio masculino na sociedade como um todo.

Seja em ambientes micro ou macros da sociedade, a ideia de poder nas famílias acaba por ser apenas um ensaio aos homens, isto quer dizer, nas instituições sociais reina a soberania dos “machos” e desencadeia consequências sérias para os demais indivíduos. Até em nossos dias, por exemplo, ainda existe colégios tradicionais e de elite que só admitem meninos como estudantes, pois, segundo a orientação escolar idealizada por essas instituições, as meninas poderiam desviar a atenção dos estudantes, podendo compreender nas entrelinhas que aquele espaço não é para moças.

Casos como esse auxiliam a manutenção desse sistema patriarcal e de soberania masculina. Dentro do ambiente familiar, é importante analisar os personagens desse enredo que ecoa em toda a sociedade. Devemos adentrar o conceito de paternalismo. Com base no trabalho de Gerda Lener (2019, p. 290), o paternalismo se volta a uma lógica absolutamente dominante de papéis que devem ser exercidos no seio familiar: o homem tem de prover o sustento e a proteção do lar, as mulheres são orientadas à submissão ao marido e a subordinação aos valores paternos, de modo que seja dependente do marido em quase todos os sentidos. Isso deixa rastros em nossa cultura. Mesmo que hoje se identifique uma notória mudança de rota, não faz muito tempo em que filmes e histórias infanto-juvenis reproduziam os valores paternalistas e patriarcais, como o clássico “príncipe encantado” salva e se casa com a bela donzela, que geralmente se isola nas atividades domésticas à espera do amor.

Instituir um padrão aos gêneros é uma tarefa minuciosa e que requer um trabalho em diferentes frentes da sociedade. A relação entre sexo-gênero e função social dá subsídios para a conservação do machismo e de toda essa organização que oprime e humilha quem não “nasce com um pênis” ou “não age como homem”. Portanto, dentro dessa relação, todo homem deve seguir a mesma metodologia e possuir as mesmas características, dentre elas, o desejo sexual pelo sexo feminino, a valência, a capacidade de proteger e as condições de prover e de sustentar a família.

Sabemos bem que a tarefa de encarar gênero sob uma visão distanciada da biologia, ou não limitada a ela, pode ser desafiadora. Mas ainda cabe a nós, neste texto, tratar a diferença entre gênero e sexo. Nas pesquisas de Teresa Negreiros e Terezinha Féres-Carneiros (2004, p. 37), o sexo pode ser compreendido como uma figura do desejo; já o gênero, um papel a ser seguido pelo indivíduo em consonância com as implicações da sociedade no tempo em que está inserido. As pesquisadoras direcionam as suas pesquisas para a questão de gênero e seus respectivos impactos nas famílias, uma vez que os papéis sociais do gênero interferem e são reproduzidos nas famílias.

A família desempenha um papel importante na vida do sujeito, inclusive no seu próprio entendimento do que é gênero. Desde a infância, os familiares introduzem os papéis com os quais o sujeito deverá lidar e procurar agir ao longo da vida. Desvincular-se dessa organização pode ser uma decisão dolorosa e trazer graves consequências ao sujeito – a partir do momento em que rompe com o desejo e as expectativas da própria família. Então, o ambiente familiar ganha o *status* de ser um ambiente de violência e hostilidade aos que fogem do padrão.

Tomando gênero como um conjunto de performances esperadas, padronizadas e socialmente aceitas, os não cumprem as normas, na maioria dos casos, estão fadados à marginalização da sociedade. Os padrões de gênero são definitivamente prejudiciais à autenticidade e à dignidade humana, num sentido mais amplo. Por exemplo, novamente o caso de homens, quando tratamos do sexo biológico masculino espera-se que o indivíduo cumpra deveres e regras “por e para ser homem”, porque a estrutura social associa gênero ao sexo biológico como sinônimos, o que fortalece ainda mais o machismo estrutural e alimenta discursos sociopolíticos com alto teor de exclusão e preconceito.

Fica esclarecido que os papéis de gênero pertencem a uma lógica interseccional, pois é através da performance dos indivíduos que se define uma identidade, beneficiando um pequeno grupo e marginalizando outros tantos. Como um dos resultados disso, vemos a dificuldade ao acesso aos próprios direitos, realidade enfrentada diariamente pelas mulheres e pelos membros da comunidade LGBTQIAPN+, por exemplo. Dessa forma, a ideia binária de gênero reforça a estrutura patriarcal e deixa suas marcas na família, ora, essas ideias reproduzidas

amplamente castram o sujeito desde a infância e compromete o desenvolvimento de sua autenticidade e pessoalidade.

2.2

A castração: do menino ao homem ferido

Estamos alinhados com Freud e sua definição de castração, postulada ainda nos seus primeiros estudos sobre o indivíduo, quando o sujeito se insere no mundo. A ideia de castração também está em Lacan, que elucida de uma maneira mais objetiva a importância e os possíveis desdobramentos que a castração gera no indivíduo.

A construção do indivíduo se dá também por um conjunto externo de fatores, capazes de influenciar a sua identificação e seu funcionamento no mundo. No entanto, o sujeito tem sua primeira interação com o mundo justamente em sua família de origem, ainda no momento da gestação, o que leva Lacan a teorizar uma “aposta de carne”. Com a castração já nos primeiros momentos da infância, o indivíduo deixa de ser uma aposta qualquer e passa a se tornar um ser faltoso e ao mesmo tempo desejante (Marcos & Sales, 2017, p. 579).

Nas reflexões contidas em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926), Freud aponta que a castração se origina dum complexo, pois é considerado que a mãe possibilita a libidinização da criança e o pai, por sua vez, instaura a castração e a interdição dos primeiros objetos de desejo. Com efeito, a teoria freudiana vai além e abarca a angústia instaurada após a castração, moldando o comportamento do sujeito em relação aos seus genitores e a si mesmo (cf. Couto & Chaves, 2009, p. 4). Nesse sentido, em Freud, há a visão de que o sujeito faz parte do mundo e tem seus desejos constantemente impactados pela sua cultura e pelas normas pressupostas na figura paterna.

Ao estudar as ideias de Freud e proporcionar uma releitura com base na teoria freudiana, Lacan pensa a castração além da imposição duma “lei” ao sujeito. Ele afirma que o inconsciente só pode ser compreendido em termos da sua estrutura

aliciado à linguagem¹. Então, é desenvolvido três ordens da linguagem: o simbólico, o real e o imaginário. O primeiro, simbólico, é dado a partir dos códigos de externalidade, alteridade e lugar – o que elucida o impacto da função materna; o real seria a ideia de fuga e o resto; por fim, o imaginário está interligado aos efeitos da corporeidade e do narcisismo. A leitura lacaniana entende a castração como a inserção do sujeito na linguagem (cf. Marcos & Sales, 2017, p. 581).

Indo para o dicionário da Língua Portuguesa, a castração tem por significado a ideia de censurar, coibir, privar ou reprimir ações e comportamentos de uma pessoa. Relacionando com a psicanálise, a ideia de castração ocorre de forma simbólica à luz da relação entre o reconhecimento do corpo da criança e do corpo dos seus genitores. O pai que exerce essa função castradora, de inibição e repressão do desejo para que a criança seja efetivamente inserida no mundo (Couto & Chaves, 2019, p. 5-6).

Sendo assim, podemos compreender que, além da perspectiva psicanalítica, a castração também se realiza por intermédio dos níveis sociais, culturais e políticos. Isso aproxima com a questão de gênero, anteriormente abordada na visão de Lerner (2019), no qual cada sujeito deveria seguir as condutas impostas e aceitas socialmente de acordo com o seu sexo biológico, restringindo ao indivíduo o acesso aos próprios desejos e assumindo um comportamento que o definirá como normativo ou socialmente marginalizado.

No ambiente familiar, desde cedo, meninos e meninas observam atitudes de seus cuidadores, despertando curiosidade e a orientação dos papéis que deverão seguir inconscientemente da infância até a vida adulta. Os meninos, por exemplo, espelham-se inconscientemente na virilidade do masculino, enquanto as meninas na fragilidade do feminino. A capacidade de destoar desse “padrão” pode não ser bem aceita no sistema familiar e na sociedade em geral (Negreiro & Féres-Carneiro, 2004, p. 35). Sobre isso, a pesquisadora Bianca Salazar Guizzo traz o caso dum menino: “minha mãe me vestiu de Batman, mas eu sou a Mulher Gato” (Guizzo, 2022, p. 56), que, em nossa leitura, aponta para a castração do sujeito em relação a sua própria descoberta.

¹ Para Lacan, a linguagem está associada à construção do sujeito, isto é, diz respeito ao inconsciente e o real do sujeito (Pellicari, 2018, p. 7).

A autora traz como parte da sua reflexão o caso do menino que gostaria de realizar uma festa de aniversário na escola, turma de educação infantil, mas não do Batman, e sim da Mulher Gato. Fato que assustou a família e apresentou uma diferença entre ele e os meninos de sua idade.

O desejo de ser a Mulher Gato entra em conflito com a sua genitália masculina, pois, na lógica da sociedade, se nasceu menino, tem de se vestir de Batman. Pode-se compreender que essa relação é um tanto quanto complexa, pois torna o sujeito limitado e inautêntico para desbravar o seu próprio desejo, afinal o psicanalista Pedro Ambra lembra que o homem já é homem, porque deve performar como um.

Essa história trazida ainda na infância, levando em conta o patriarcado e o conceito de transgeracionalidade, faz questionar o motivo do menino (na primeira infância) não poder ter a festa da Mulher Gato e ter restrições ao direito de explorar o seu imaginário de modo lúdico e criativo. Obviamente, os entraves que a sociedade postula evidenciam que a sociedade pré-determina o agir dum sujeito, seja ele menino ou menina, e toma isso por gênero.

A questão do machismo não só afeta as mulheres. Pouco se diz sobre o efeito da castração e do machismo em homens, especialmente em sua saúde mental, que performam (ou não) a heteronormatividade².

A pesquisadora Nana Queiroz, em *Os meninos são a cura do machismo* (2021), reflete que, na maioria das vezes, tornar-se menino requer abrir mão da sua própria autenticidade, isto é, despedir-se do que se é e do que se pode ser. O menino des encontra as suas emoções, com efeito, transforma-se num homem ferido e que é “programado” para ferir em ações e condutas. Em outras palavras, o homem é viril e não sentimental.

Inclusive, o psicanalista Pedro Ambra, autor da obra *O que é um homem?: psicanálise e história da masculinidade no ocidente*, lembra que Lacan, no fim dos anos 60, atenta-se para a não definição de homem para a psicanálise numa

² Heteronormatividade: conjunto de características que considera apenas a heterossexualidade como uma fonte de desejo ou orientação sexual. Esse conceito baseia-se na ideia de que somente pessoas de sexos opostos podem se relacionar.

perspectiva do que seria ser socialmente um homem. Ainda hoje, podemos dizer que a definição do que seria um homem ainda é abstrata para a psicanálise.

Lacan projetou uma perspectiva significativa ao ressaltar a ideia que, além das construções sociais ou diferenças anatômicas, é a humanidade que habita o mundo e consome relacionamentos caracterizados pelo conflito entre lei e exceção. Como citado ao longo desse capítulo, a lei tem um aspecto global, do tipo “os homens são todos iguais”, e se permite análise através desse conjunto de observações e considerações sobre o que é ser um homem. Essa lei, como vimos, está relacionada com a castração, em Lacan, que ocorre intrinsecamente como uma proibição simbólica.

A exemplo disso, retomemos o caso do menino Hans, um dos ensaios mais conhecidos de Freud. O menino tinha em torno de 5 anos e se orgulhava exageradamente do seu pênis, por isso, tinha receio de perde-lo, após a mãe ameaçar o menino de cortar o genital. Assim são os homens até o dia de hoje. Aliás, o tamanho do pênis pode ser compreendido um símbolo de poder e de imponência, psicanaliticamente o homem tem tudo o que precisa e se torna completo apenas por ter o seu pênis.

Ligia Diniz, em seu livro “*O Homem Não Existe*” (2024), analisa que, para o homem, a grande preocupação é com o genital, muito mais do que com qualquer outra preocupação que possa lhe atravessar. A relação do homem com o seu pênis é estritamente mais afetiva, de fato, uma relação amorosa, de orgulho, mas também vulnerável, sádica e perigosa, até porque nutrir deslumbre pelo simples fato de ter um pênis, com o passar do tempo, resulta num homem resumido ao seu próprio genital e nada mais.

Como experiência pessoal, creio que dê, neste espaço, para contar brevemente um caso ocorrido em minha presença (Gabriel Pessin, CRP: 05/71864), enquanto conduzia um debate numa escola privada sediada no município de Niterói (RJ). Os alunos que compunham a discussão estavam na fase da adolescência, numa média de 16 anos de idade, dentre eles, um menino pediu a palavra e disse a todos que, para ele, o que lhe importava era justamente o tamanho de seu pênis. Afinal, na sua percepção, isso era o necessário para impressionar uma mulher. Quando questionado, o aluno revelou categoricamente que seu pai o ensinou que a

masculinidade é medida de acordo com o número de mulheres que ele iria satisfazer, porque ele havia “puxado” ao pai e, então, era “bem dotado”. A fala do jovem está além do orgulho de alegar ter um “pênis grande”, toca em questões de ego, afinal os outros também deveriam se impressionar com o tamanho de seu pênis.

Mas isso também revela ser um mecanismo de defesa. Ora, ter centímetros a mais permite uma satisfação a nível ilusório do objeto fantasiado. Nisso, o homem cria uma persona em cima da ideia de masculino, indissociável à ideia de virilidade. Nesse sentido, o orgulho do tamanho do pênis é também uma forma de esconder as suas próprias inseguranças e suprimir os seus desejos em prol da masculinidade.

Vinicius Lima em seu livro, *Homens em análise, travessias da virilidade* (2023), ao revisitar Lacan, diz que a teoria lacaniana abre espaço para uma interpretação de homem masculino como resultante do mito viril, nesse sentido, a masculinidade depende do mito e dos valores da virilidade. Desde os gregos antigos, a virilidade é objeto de satisfação e de honra para o homem, que se manifestava na sua força física, na capacidade luta, na dominação, na sobreposição à mulher e até mesmo sexualmente, haja vista que o sexo homossexual era visto com bons olhos e como manifestação de prazer.

O que podemos depreender, talvez, seja as clássicas palavras de Freud, que todos somos seres bissexuais. Afinal, ao fantasiar sobre a sua “macheza”, o homem entra em conflito com seus próprios desejos e vê na virilidade uma forma de lidar, possivelmente, a repressão dos seus próprios impulso, assim, negando a sua feminilidade e suas próprias vontades.

O “ser homem” caminha exatamente na negação dos traços de feminilidade, negando qualquer traço de delicadeza e sensibilidade consigo ou com outrem. Portanto, o homem viril passa tanto pela castração quanto pela admiração ao seu pênis, sendo isso uma construção dos paradigmas de gênero impostos a todos nós. A sociedade, por fim, impede o homem de existir propriamente, uma vez que não é bem recebido um homem sentir ou assumir o direito de seguir as suas vontades.

É importante, sendo assim, a psicanálise trilhar pesquisas sobre a relação de masculinidade e sociedade. Notoriamente, o conjunto de práticas que um homem deve realizar contribui para o seu adoecimento, tanto para os “machos” quanto para

aqueles que não exercem a heteronormatividade. Sobre esse grupo, temos de ter em mente que são constantemente vítimas de violência física e moral, de forma silenciosa ou explanatória; ser homem, no fim, é reproduzir o machismo e o sexismo, pois, se não assimilar esses traços dificilmente será plenamente aceito em suas famílias e na sociedade em geral.

Concluimos que a definição de homem está majoritariamente associada ao enaltecimento do pênis e a exaltação à virilidade, afastando-se da autenticidade do sujeito como um resultado da castração a qual está submetido desde a infância. Além disso, a negação dos seus sentimentos é um tópico importante para a sua performance enquanto ser social, já que a ideia de homem se dá com a atribuição de regras de conduta e ação impostas pelas raízes machistas e patriarcais ainda presentes fortemente em nossa cultura e em nossa sociedade.

3

Você é um homem ou é um rato?: o machismo como uma herança patriarcal e a família contemporânea brasileira.

Quando criança, era chamado de bicha
Como se fosse um xingamento
Que mais coisa esquisita
Aprendi que era errado ser sensível
Quanta inocência
Eu tive medo do meu feminino
Eu me tornei um homem reprimido
Meio sem alma, meio adormecido
Um ato fálico, autodestrutivo
Thiago Iorc (2022)

O patriarcado adoce até aqueles que se propõe a segui-lo. Como vimos no capítulo anterior, a castração e a imposição de regras severas de acordo com o papel social atribuído ao gênero biológico são fatores determinantes para que o homem se distancie dos seus próprios desejos e individualidades. Na expressão popular “você é um homem ou é um rato?” fica bem clara a associação de homem como um ser valente e viril. Usada no vocabulário cotidiano, dentro e fora das famílias, a frase confronta homens que demonstram fraqueza ou medo, sentimentos inaceitáveis à heteronormatividade.

Frases como essa ratificam a pressão sofrida por homens de reprimir os seus temores, para transparecer a imagem do “macho” sem qualquer medo e provido de confiança para enfrentar quaisquer desafios que venha a aparecer. O rato, por sua vez, é a figura do desprezível, do animal de rua, sorrateiro e covarde. O rato, na expressão, representa o medo. Para um homem não ser um rato, ele deve se limitar à masculinidade, como assim quer a sociedade.

Tal expressão, por ser muito recorrente no vocabulário popular, faz parte do processo de formação dos homens, que já devem ter escutado essa expressão nas próprias famílias. No ambiente familiar, trabalhos com a ideia de que os rastros da formação dada pela família nem sempre é positiva. Na verdade, pode ser, de fato, uma experiência um tanto negativa para muitos sujeitos.

O pesquisador René Kaes, consagrado pelos seus estudos sobre transmissão psíquica geracional, defende que o sujeito é fruto de fatores gerados de maneira individual, coletiva e geracional, transmitido atitudes e ações hereditariamente. Um dos conceitos centrais da pesquisa de Kaes é a herança adquirida pelo sujeito à luz de vivências e experiências que compõem neuroses no indivíduo (Magalhães & Féres-Carneiro, 2004.p. 244).

O machismo como um fator estrutural reproduz e multiplica seus fundamentos nas famílias brasileiras, que, sabemos bem, alimentam o machismo por meio de atitudes, falas, orientação e não aceitação do diferente em seu meio. Ou seja, a família é uma representação em menor escala da sociedade e, por isso, a força do machismo em diversos lares brasileiros causa desdobramentos sintomáticos em todos os indivíduos.

Temos de reconhecer que, atualmente, há um movimento de tolerância e de respeito à diversidade. O cenário familiar mudou e se expandiu; o conceito de família não é mais apenas um homem (chefe da casa) e a mulher com os filhos (dependentes), por mais que a visão tradicional preze pelo conservadorismo da imagem. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Censo 2022, mostram que o Brasil possui mulheres chefiando mais casas do que os homens, em números, 49,1% dos lares. Além disso, o número de famílias homoafetivas vem crescendo ano a ano, tendo em vista que desde 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF) passou a reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em 2022, o Brasil registou mais de 11 mil casamentos homoafetivos.

O combate ao machismo e ao patriarcalismo perpassa essencialmente pelo ambiente familiar. Não é tarefa fácil combater o machismo na família. Nana Queiroz (2021) diz que é preciso apostar numa geração de meninos instruídos por uma educação libertadora e feminista, para que cresçam sem ou pouco dependentes das amarras do patriarcado. Como sabemos, não existe apenas um modelo de homem ou masculino, mas sim homens que encenam suas masculinidades de maneiras diversas e que se comunicam com a sua autenticidade e sua saúde mental. Pode-se, assim, evitar os efeitos negativos das questões transgeracionais levantadas por Kaes. Então, a família tem um espaço privilegiado para a transmissão psíquica,

pois nela funcionam diversos caminhos que potencializam os mecanismos de identificação.

Sendo assim, este capítulo objetiva compreender como o processo de transmissão psíquica interfere nos membros das famílias contemporâneas brasileiras. Em especial, como o machismo, passado de geração a geração, ressoa nesses participantes do ciclo familiar, dando ênfase na abordagem psicanalítica.

3.1

Transmissão psíquica: historicidade e conceitos

Freud iniciou sua investigação sobre a constituição do sujeito a partir do seu aparelho psíquico individual, levando em consideração apenas o sujeito como um todo e não os possíveis efeitos do ambiente em suas experiências. No decorrer do tempo, com a evolução das pesquisas e dos estudos acerca da relação entre homem e meio, Freud construiu um caminho de aprofundamento sobre a temática das coletividades, entendendo o sujeito como um ser impactado por sua cultura, tempo e espaço, nesse sentido, aparece-nos o termo intersubjetividade constitutiva. (Féres-Carneiro, Magalhães, 2005, p. 32)

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud destaca que a intersubjetividade é importante para a constituição psíquica do sujeito, ou seja, a psicanálise crê que o sujeito não se constitui por si só. Desde a primeira infância, o indivíduo é exposto a uma série de fatores externos. Portanto, o sujeito não pode ser analisado psicologicamente apenas a nível individual, mas sim a nível social. O conceito de transmissão psíquica, com efeito, passou a fazer parte da psicanálise, contribuindo para a análise de grupo, de casal e de família (Gomes & Zanetti, 2009, p. 2).

Após Freud, alguns autores passaram a aprofundar suas análises sobre os contextos familiares com foco apenas no indivíduo. Em suas respectivas teorias e análises, cada uma com sua contribuição, teceram caminhos para a formação de psicanalistas mais voltados a questões de casais e de família. A ideia de análise de casal e de família surge como uma extensão do método psicanalítico, desde a década de 40.

A psicanálise de casal e família aprofundou seus conceitos e formou escolas que se propunham a investigar as diversas questões familiares. Dentre elas, a escola americana e a inglesa, com objetivo de compreender o porquê de casais e famílias tinham questões neuróticas inconscientes interligadas, então, indo pelo caminho das coletividades, e não apenas do caráter individual. Estudiosos americanos e ingleses foram contribuindo muito significativamente para o desenvolvimento de teorias oriundas da perspectiva psicanalítica, tomando como consideração a cultura, o tempo e as questões sociopolíticas da época (Gomes & Levy, 2009, p. 3).

A década de 70 foi um dos marcos para a escola de psicanálise francesa e latino-americana. A psicologia de casal e família ganhou outros desdobramentos sobre psicanálise vincular, trazendo impactos significativos ao Brasil e também à construção desse trabalho, como o já citado René Kaes.

O autor tem um destaque neste capítulo, como em toda esta monografia, porque a sua linha de pesquisa é a transmissão psíquica, explicada no capítulo anterior. O machismo configura-se como estrutural no ambiente familiar quando se leva em conta a perspectiva geracional, que enraíza o machismo com o passar dos tempos sob o título de “valores da família”, absolutamente influenciados pela concepção social e cultural que afeta o meio familiar em específico.

Nesse sentido, certamente existem questões mal resolvidas das gerações anteriores, não tratadas de maneira saudável, que atravessam os tempos e são transmitidas de forma brutal e direta para as gerações seguintes, unidas por uma constante de sofrimento cuja origem aparentemente não tem explicação. Dessa forma, os pais manifestam uma necessidade de transmitir para outra mente aquilo que não foi assimilado pela psique original, dando prosseguimento aos conflitos e angustias de geração em geração.

Devemos concordar com Kaes quando defende que somos inseridos no mundo por um conjunto intersubjetivo, mantendo-nos servos dos nossos “sonhos de desejos insatisfeitos” (Féres-Carneiro & Magalhães, 2005, p. 29). A herança, nesse sentido, vai além dum encargo, é um elemento nobre e impulsionador do processo de subjetivação. O indivíduo é precedido por outros, surgindo apenas através dum ato de integração no contexto familiar e social em sua totalidade. Trata-se do conjunto que o envolve com cuidados, protegendo e atendendo às

necessidades que a imaturidade humana o impede de atender. Apresenta-o o mundo externo e o põe no mundo interno, interditando e lançando o indivíduo em sua jornada subjetiva.

Isso pode resultar num processo de alienação, como indicado por Carolina Padilha e Valeria Barbieri, quando uma pessoa se torna alheia a si mesma e sujeita a repetições, em um confinamento nos fantasmas familiares (cf. Padilha & Barbieri, 2020, p. 2). Isto posto, a transmissão envolveria a ausência de separação entre o espaço coletivo ou familiar e o subjetivo, permitindo que os componentes inconscientes sejam transmitidos por meio dos indivíduos, e não entre si, contribuindo para a perpetuação de segredos e lutos de difícil transformação.

Por isso, a transmissão psíquica transgeracional leva consigo questões negativas. Ela, decerto, implica transmissão de um material psíquico que pode não ser vantajoso para a geração subsequente, pois está “suspense”, em um estado em que não há a possibilidade de metabolização e integração de seus conteúdos, com o intuito de estimular o surgimento de mudanças criativas durante o processo de subjetivação geracional (cf. Gomes & Zanetti, 2009 p. 3).

Mas existe também o lado positivo. A intergeracionalidade, como nos diz Kaes, torna possível uma correlação com vivências e experiências psíquicas elaboradas de maneira mais amplas, por exemplo: reprodução de valores construtivos, crenças e fantasias (cf. Kaes, 2001, p. 14). Valoriza-se o legado recebido da família e sua historicidade a qual o indivíduo se torna pertencente.

A intergeracionalidade, de forma objetiva, refere-se à interação entre indivíduos de diversas gerações, como avós, pais, filhos e netos. A interação entre gerações pode ser vantajosa para todos, desde que haja a possibilidade de aprendizado em cada geração, de modo que esteja presente uma colaboração benéfica a partir da interação entre gerações. Por esse lado, questões intergeracionais contribuem para que cada descendente possa repetir o discurso convivendo assim em grupo ou, melhor dizendo, em família (cf. Féres-Carneiro e Magalhães, 2005, p. 30).

Portanto, como eixo importante deste capítulo, devemos retornar ao conceito de transgeracionalidade como um prisma negativo e que atravessa gerações.

Essa herança é capaz de criar barreiras para a formação da subjetividade do indivíduo, que passa a ser hospedeiro de histórias que não são suas, mas sim de gerações passadas. Isso acontece porque as representações herdadas continuam aprisionadas por um volume de excitação psíquica não simbolizada, o que favorece a reincidência de eventos perturbadores. Aqui reside o machismo, ou melhor, a sua estruturação a nível transgeracional, fortalecendo as suas raízes e difundindo essa lógica cruel aos membros inseridos no contexto familiar.

3.2

O machismo como herança cruel aos familiares

O conceito da transgeracionalidade proporciona à clínica uma perspectiva ampla sobre os modelos de casal e família, além das suas respectivas problemáticas passadas de geração a geração. Um dos conceitos abordados pela transmissão é o problema da herança e os fantasmas que assombram as relações construtoras do sujeito.

Terezinha Féres-Carneiro e Andrea Seixas Magalhães discutem sobre a intersubjetividade como anterior ao sujeito, geradora e propagadora da ancestralidade, presente no investimento narcísico dos pais e manifestada em todas as relações significativas que formam a subjetividade (cf. Féres-Carneiro & Magalhães, 2005, p. 26). De fato, por muito tempo, essa interface foi negligenciada e desprovida de seu valor adequado à psicanálise. No entanto, é necessário ressaltar que, apesar de ser clara a necessidade do sujeito de um outro para se formar, a alteridade surge desse reconhecimento mútuo entre as diferenças subjetivas: da incompatibilidade entre o outro e o desejo do indivíduo e da manutenção da distinção entre os *eus*. Muitos teóricos da psicanálise persistiram em manter o outro como um mero objeto de fantasia, contudo, nossa pesquisa compreende a noção de que a subjetividade se fundamenta na intersubjetividade. Então, de acordo com Féres-Carneiro e Magalhães, essa dimensão possui um potencial de subjetivação muito maior do que se foi abordado (cf. Féres-Carneiro & Magalhães, 2005, p. 29).

Sobre a questão do machismo, evocando a transgeracionalidade, isso necessita ser interrompido. René Kaes é assertivo ao dizer que a transmissão precisa

ser interrompida quando corre costumes capazes de adoecer ou traumatizar gerações futuras, viabilizando um quadro de violência futura (cf. Kaes, 2001, p. 17).

A intensidade da pressão para continuidade ou interrupção se manifesta de formas variadas e com diferentes efeitos: depósitos, enquistamentos, projeção ou rejeição daquilo que não foi recalçado. No fim das contas, nada do que foi guardado poderá permanecer completamente oculto para as futuras gerações. Essa violência de transmissão se manifesta além do sentido perceptível, está na linguagem, nas palavras e nos atos de fala: é uma transferência de objeto. Ou seja, tudo relacionado à hereditariedade é genuinamente humano e de extrema vulnerabilidade, pois lá se cristaliza as angustias mais antigas e se expressa as crenças mais enigmáticas (Kaes, 2001, p. 18).

René Kaes ainda aponta que, em muitos casos, o paciente tentará resolver de maneira individual as suas violências vividas no contexto familiar. No entanto, essa decisão poderá refletir uma série de comportamentos arriscados em sua própria vida, como casos de automutilação, sentimento de punição e culpa e, em casos mais extremos, até mesmo o suicídio, como anteriormente sinalizado por Lacan (1981, p. 129).

Definitivamente, é de suma relevância ter esclarecido o quanto as falas dentro do contexto familiar podem influenciar o desenvolvimento de um indivíduo adoecido. Nesse ínterim, reforça-se a lógica patriarcal, que não permite o acolhimento das masculinidades, apenas reconhecer como certo o padrão pré-estabelecido de masculino com todas as suas condutas e ações.

Por isso, a pesquisadora Nana Queiroz vai além e descreve a criação dos meninos como uma espécie de cárcere, inclusive, à medida em que cresce, ele próprio se tornará carcereiro (cf. Queiroz, 2021, p. 75). Então, devem ser postos em cena a questão do gênero numa concepção social-patriarcal, a transmissão psíquica e os efeitos da transgeracionalidade como produtores de consequências negativas a meninos cujas famílias não costumam permitir a autenticidade da personalidade e da formação do eu.

Essa herança machista se reflete em frases utilizadas até hoje em grande parcela das famílias brasileiras, do tipo “você é homem ou um rato?”, “homem não

chora” e “essa brincadeira não é de macho”, provocando inseguranças e traumas nessa e nas próximas gerações de meninos da família. Logo, se a transmissão psíquica transgeracional não for interrompida, as futuras gerações estarão fadadas a adoecer (cf. Kaes, 2001, p. 19), além de conviver com os mesmos ou semelhantes traumas da geração anterior.

Com efeito, temos de entender como os fantasmas do machismo estão presentes no sistema família e como provocam uma desapropriação da própria humanidade, o que, por sua vez, orienta homens a expelir sua violência e a produzir um sintoma maléfico a si próprio e a sociedade na qual habita (cf. Queiroz, 2020, p. 65). Tanto é que o psicanalista Pedro Ambra vê a masculinidade não simplesmente como uma idealização da referência de seus castradores, mas sim como um impulso aos adoecimentos do homem (cf. Ambra, 2021, p. 23). Aliás, o homem não suporta se olhar no espelho e não ser capaz de se reconhecer pertencente aos seus objetos de desejos, por exemplo, a figura do pai.

O sistema patriarcal orienta os homens à luz duma virilidade que ocasiona muito mais dor e sofrimento do que qualquer tipo de acolhimento. Muito se discute sobre o homem irresponsável afetivamente, ou da violência produzida por eles em suas relações, contudo, pouco se diz sobre o papel das famílias na criação desses meninos, futuros homens. Na educação masculina, as armas são brinquedos, os sentimentos devem ser reprimidos e não expostos, o sexo é um instrumento de prazer e o que resta a esses meninos, depois de sucessivas castrações, é o orgulho do seu pênis (cf. Bola, 2019, p. 156).

Sendo assim, como visto neste capítulo, fica evidente que o machismo é passado entre as gerações como uma herança cruel e capaz de adoecer os membros da família, inclusive os meninos. É preciso também pontuar, por fim, que se trata duma tarefa difícil se desfazer dessas heranças psíquicas negativas, porque o sistema patriarcal oferece benefícios cruciais ao homem, bem como a ilusória sensação de pertencimento àqueles que encenam a masculinidade normativa. Contudo, há o outro lado. E essa visão cruel da masculinidade permite a visão do adoecimento e da exclusão a outros que, por ventura, não se identificam e não performam esse modelo ideal difundido pelo patriarcalismo.

Considerações finais

Tendo em vista questões relevantes na construção desta monografia, seguindo os rastros do machismo nas famílias apegadas à noção patriarcal, fica claro que o adoecimento não é simplesmente uma consequência social, ele é reforçado inclusive pelas famílias, que estimulam castrações rígidas aos meninos pertencentes àquele meio.

Sendo assim, a partir da revisão bibliográfica, foi possível pontuar pautas essenciais para a compreensão das diferenças entre gênero e sexo, para o entendimento do que é ser um homem na visão do patriarcalismo e do machismo, além de tocar em questões relativas ao mito da virilidade e a castração a qual os meninos passam à luz, também, da transgeracionalidade – uma das principais promotoras do adoecimento psíquico dos membros das famílias e dos futuros homens.

Retomando o termo família, para este trabalho, trata-se duma organização que não se limita em transmitir o que o Estado propõe aos seus indivíduos e às gerações futuras, mas cria e reforça modelos e estereótipos nos quais os indivíduos devem seguir para serem socialmente e familiarmente aceitos (cf. Lerner, 2019, p. 262), ao contrário, o sujeito pode sentir os efeitos da marginalização em ambos espaços.

Freud e Lacan pensam família numa visão psicanalítica. Para Freud, família pode ser considerado uma instituição universal capaz de devolver aos pais os seus direitos de reviver as suas histórias edípicas. Lacan por sua vez, vê o mesmo núcleo como transmissão de fatores sociais, culturais e educacionais condicionados a “lei” instaurada aos seus indivíduos (cf. Souza & Chaves, 2017, p. 5).

René Kaes tece a sua teoria sobre grupos e famílias com base nos estudos sobre transmissão psíquica. Nela, a família é considerada um elo interligado a diversos fatores, o que torna o indivíduo herdeiro duma cadeia de fatores inconscientes e conscientes. Com efeito, transforma o sujeito um ser inserido na sociedade a partir da metapsicologia (Sanglard, Calzavar & Machado, 2022, p. 11).

A concepção da sociedade patriarcal desumaniza os homens, que não são “programados” para sentir, apenas para servir a sociedade como exemplos de forças, determinação e poder. Em sua virilidade encontram o prazer e em seu próprio sexo o orgulho de ser homem.

Nesse sentido, quando analisamos os contextos socioculturais do patriarcado, claramente entendemos o homem como uma figura que precisa reproduzir ações que não condizem com uma autorreflexão e autoconhecimento, apenas a realização de objetivos socialmente aceitos que deslegitimam a sua individualidade. Por isso, “todos os homens são iguais” aos olhos da sociedade em geral.

Grupos sociais de tendências conservadoras buscam legitimar o machismo da sociedade ao reproduzir demasiadamente que só existem dois sexos, tomando por argumento a questão biológica. Este trabalho se preocupou em apontar as diferenças entre sexo e gênero e como a sociedade, para conservar essa estrutura machista, associa-os ao mesmo conceito. E não só a sociedade. As famílias reforçam isso, bem como os padrões da educação masculina nas situações mais cotidianas, exemplo: brinquedos de armas, desenhos de luta, fantasias e outros mecanismos estereotipados da formação do menino que, mais cedo ou mais tarde, desenvolve mais o traço da violência ao invés do lado cuidadoso e sentimental.

Toda essa conjectura, aliciada a esse mito da virilidade, abre espaço para o adoecimento dos homens, isto é, eles tão são vítimas do machismo e do patriarcalismo resistente em nossa sociedade. Portanto, a ideia de homem está relacionada a uma utopia, por isso, inalcançável. O homem está sempre em busca de ser um “homem ideal”, o que resulta em crises existenciais, baixa autoestima, além de outras consequências graves. O machismo, por fim, é conservado por meio da deturpação moral e ética da sociedade e mantém viva uma legião de preconceitos acerca das mulheres e de outros homens não normativos. Assim, tudo isso reforça a exclusão e a marginalização de sujeitos que não correspondem ao “macho alfa”, o que os torna vulneráveis às diversas formas de violência e feridos socialmente.

A interrupção hereditária da crueldade do machismo nas famílias, com os devidos processos terapêuticos, pode beneficiar a sociedade com novos desdobramentos para um futuro de mais acolhimento às diferentes masculinidades.

Isto é, passando a compreender o homem como um múltiplo, além do pênis, munido de sentimentos, emoções e desejos vastos. Assim, poderá abrandar também os conflitos familiares, ensinando desde a infância que o homem deve exercer a humanidade e entender as suas fraquezas, distanciando-se totalmente da visão padrão do “macho”, que se limita a contar vantagem do prazer sexual, a amar o seu time de futebol e a ser irresponsável afetivamente consigo e com os outros.

Referências bibliográficas

- AMBRA, P. **Cartografias das masculinidades**. São Paulo, Cult Editora, 2021.
- AMBRA, P. **O que é um homem: psicanálise e história da masculinidade no ocidente**. São Paulo, Zagodoni, 2022.
- BOLA, J.J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice**. New York, NY: Jason Aronson, 1978.
- BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero**. São Paulo, Boitempo, 2024.
- COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Trad. Rene Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FÉRES-CARNEIRO, T (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.
- FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. “Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal”. In: FÉRES-CARNEIRO, T (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p. 111-121.
- FREUD, S. 1925. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In Freud, S. **Obras completas**, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. 1930. O mal-estar na civilização. In Freud, S. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936), v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. 1931. Sobre a sexualidade feminina. In Freud, S. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936), v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. 1933. A feminilidade. In Freud, S. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936), v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOMES, I.; ZANETTI, S. “Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular”. **Psicologia USP**, v. 20, n. 1, 2009, p. 93-108. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100006. Acesso em 28 nov. 2024.

KAES, R. “Introdução: o sujeito da herança”. In: KAES, R; FAIMBERG, H; et al. **Transmissões da vida psíquica entre gerações**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 9-69.

KAES, R; FAIMBERG, H; et al. **Transmissões da vida psíquica entre gerações**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LACAN, J. **O seminário**, livro 10: a angústia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LENNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Rio de Janeiro: Cultrix. 2020.

LIMA, V. **Homens em análise**: travessias da virilidade. São Paulo: Bulcher, 2023.

LOURENÇO, L. Reflexões sobre a violência e o homem contemporâneo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, 2004, pp. 64-73. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100008>. Acesso em 7 jul. 2024.

MARCOS, C.; SALES, E. Os nomes do pai e a generalização da castração. **Ágora**, v. 20, n. 2, 2017, p. 575-590. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/K6zqPWZSrHcG64vp8HRgQB/?lang=pt>. Acesso em 28 nov. 2024.

NEGREIROS, T.; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, ano 4, nº 1, 2004, p. 34-47. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v4n1/v4n1a04.pdf>. Acesso em 02 dez. 2024.

PADILHA, C; BARBIERI, “V. Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura”. **Tempo psicanalítico**, v. 52, n. 1, 2020, p. 243-270. Disponível em: <https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/309>. Acesso em 28 nov. 2024.

PORTO, M.; VIEIRA, M. Do homem ao objeto: um percurso pela noção de estilo em Jacques Lacan. **Analytica**, v. 8, n. 15, 2019, p. 1-25. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 7 jul. 2024.

PUGET, J. “Os dispositivos e o atual”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 44, n. 2. 2010, p. 35-43. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n2/a06.pdf>. Acesso em 28 nov. 2024.

QUEIROZ, N. **Os meninos são a cura do machismo**. Rio de Janeiro- São Paulo. Editora Record, 2021.

SEFFNER, F.; FELIPE, J. **Educação, Gênero e Sexualidade: (im)pertinências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.